

**E O CORPO, POR ONDE ANDA? OU,
DA PERGUNTA SOBRE A SOBERANIA CORPORAL**

*Maria Dênis Schneider¹
Ana Márcia Silva²*

RESUMO: Este artigo discute a relação de algumas tecnologias do corpo com o interesse nas questões coletivas da vida em sociedade e com a diminuição da soberania corporal.

ABSTRACT: this article discusses the relationship of some technologies of the body with the interest in the collective subjects of the life in society and with the decrease of the corporal autonomy.

O alerta de que os indivíduos se preocupam, cada vez mais, com o corpo e a aparência a ser apresentada em público, há muito já foi feito. Cotidianamente, vemos nos meios de comunicação, o grande espaço destinado a dizer a melhor forma de cuidar do corpo e de manter o corpo em forma.

Dados os desdobramentos desta situação, tal constatação deveria ser acompanhada de uma reflexão importante para a vida em sociedade: cada nova geração gasta mais tempo com o cultivo do corpo, preocupando-se cada vez menos com a vida em sociedade e com as questões coletivas. Estes dados provêm de pesquisa desenvolvida por Bordo (1999) que apontam, sobretudo, a perspectiva individualizante do cultivo do corpo em detrimento das preocupações de âmbito social. A cultura narcisista que fundamenta o culto ao corpo com o consumo insuflado por um mercado em permanente expansão, faz declinar a compreensão e a relevância da construção coletiva, da vida em sociedade.

Além desta constatação, é importante refletir acerca das questões colocadas às subjetividades individuais, os desdobramentos para cada ser humano que convive em contextos sociais estruturados a partir das referências da vida urbana atual marcada pelo consumo. Dado que na parte se encontra o todo, estes contextos sociais apresentam aos indivíduos um reforço à expropriação da soberania corporal que se constitui no âmbito de uma cultura narcisista.

Os indicadores estão à volta de todos e de cada um de nós. Cresce o consumo de substâncias químicas para ajustar o rendimento e a forma corporal e cresce o vício ao exercício, já diagnosticado em vários países. O Brasil se tornou o quinto mercado mundial em

¹ Aluna do Programa de Mestrado em Educação Física na UFSC.

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

consumo de cosméticos e o primeiro em cirurgias plásticas estéticas. Esta tendência de uso de substâncias para ajustar o corpo ao que se espera, parece ser consoante com uma tendência à medicalização da sociedade. Há um reforço à ampliação do vício medicalizado, como identifica Dupuy (1980), responsável por um índice bastante alto de dependência a drogas farmacológicas. Este vício tem aumentado em cerca de 300% em cada dez anos, taxa muito superior ao aumento do consumo do álcool e dos opiáceos, de maneira geral.

Na atualidade, a substância química tem assumido um papel simbolizante, na medida em que acaba materializando qualidades abstratas, valores humanos como beleza, força, saúde, sensualidade, entre outras, que são colocadas como que externas aos seres humanos que se apropriariam deles pelo seu consumo, na esperança de serem mais felizes. Neste caso, também, a substância química assume o papel de um signo icônico, na medida em que ela é identificada com qualidades e valores humanos, como coisas fetichizadas e externas. O processo de fetichização das mercadorias, a vida própria que as tecnologias e produtos de beleza adquirem a partir da esfera da circulação com o reforço da mídia, torna-se um importante aspecto na compreensão da corporeidade contemporânea, indicando um valor exacerbado à aparência, em detrimento de outras dimensões e interesses humanos.

Não só o uso de substâncias químicas para alteração do rendimento corporal tem gerado preocupações, mas a própria frequência e intensidade do trabalho corporal tem despertado os pesquisadores para mais um vício em construção na atualidade: o vício ao exercício, além do aumento de casos de anorexia, inclusive entre crianças. O vício ao exercício é identificado como a necessidade doentia de exercitação para que o indivíduo possa atuar no cotidiano e sentir-se bem, gerando a exclusão de outros compromissos e relacionamentos; gera, também, um quadro importante de sintomas quando da privação do exercício.

Este vício apresenta um diferencial em relação às demais formas de dependência por ser considerado, pelo indivíduo dependente e pela sociedade, como positivo. Esta positividade amplia a dificuldade de identificar os dependentes, inclusive porque estes apresentam um bom aspecto e acreditam estar bem consigo mesmos, levando a um reforço cíclico do vício. Parece assim, que ser magro é uma questão de desejo e decisão pessoal, não levando-se em consideração os aspectos sociais e econômicos que permeiam, além das demais questões de interesse social.

No que diz respeito à soberania corporal, também, é interessante refletir acerca da “malhação”? Esta expressão se popularizou rapidamente na língua portuguesa, com o auxílio da mídia, mostrando a incorporação da necessidade de "malhar" ou praticar o exercício físico, ainda que isso possa implicar em boa dose de esforço e sofrimento. Dois sentidos são encontrados na origem da expressão: a ação de dar pancada com malho ou martelo e o ato de zombar ou fazer escárnio; a ambos o ser humano se subjugava, malha para não ser malhado.

As academias contemporâneas oferecem diferentes possibilidades em termos de serviços, atendendo a uma larga faixa etária dos 4 aos 75 anos, senão maior. O número de academias vem crescendo e se apresentam de forma cada vez mais sofisticada, com características de centros de convívio instalados em função da moral do consumo, com saunas,

lojas e bares com terminais de internet. A atração permanece sendo os diferentes espaços para as práticas corporais as quais atendem às preferências de seus clientes; com ritmos variados, dos mais lentos aos mais agitados, comandados ou não por DJs, as academias propiciam um clima de festa no transcorrer da malhação.

O espaço onde se realiza a malhação é constituído por objetos, todos portadores de "normas de ação", como diz Santos (1996). Estas normas se impõem sobre a vontade e a criatividade dos indivíduos que entram em relação com estes objetos, se impõem às subjetividades daqueles que ali se encontram. A lógica do trabalho corporal ali desenvolvido, é a lógica da máquina; esta lógica se mostra no programa de trabalho, na hiperespecialização, na mecanicidade, na cronometrização. Esta lógica impõe a obediência dos seres humanos à organização mecânica, ignorando o indivíduo e sua condição de sujeito.

A incorporação da lógica da máquina, o vício ao exercício, e a ampliação do consumo de substâncias químicas e de cirurgias plásticas se constituem em indicadores importantes para compreender a contemporaneidade do corpo. Precisamos lembrar, também, que estas tecnologias do corpo incluem e se encontram na mesma lógica da substituição gradativa de partes do corpo por próteses artificiais e pelo crescimento da utopia que vem sendo chamada de humanidade híbrida, pós-biológica, fruto de uma bio-engenharia que se supera cotidianamente.

Estas questões apontam para uma reflexão importante: o crescente reforço à expropriação da autonomia, da soberania corporal em favor da ciência e de um mercado de consumo. Este contexto que implica numa certa concepção de saúde e beleza se constitui a partir de uma perspectiva heterônoma, dado que é controlado por especialistas ou maquinarias por eles criadas; neste contexto, os indivíduos se tornam, em última instância, objetos de uma atuação especializada, na qual os meios são organizados em torno dos fins específicos a atingir.

A lógica a qual os indivíduos são submetidos, cotidianamente, sem que uma reflexão crítica seja feita, inclusive pelos profissionais que ali atuam, acaba por ampliar a heteronomia já existente em outros espaços e instituições sociais e a decorrente dificuldade de uma reflexão ética que deveria permear toda atuação profissional e toda vida em sociedade.

Referências:

- BORDO, Susan (org.). *Corpo, gênero e conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- DUPUY, Jean Pierre. *Introdução à crítica da ecologia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.